



Brasília Bassit da Costa

# Orgulho de ser xará da capital federal

Arquivo pessoal



BRÁSILIA (E)  
COM A FAMÍLIA,  
EM OUTUBRO  
DE 1972

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 84 anos, Brasília continua sendo um exemplo de vida. Mais do que uma previsão, a frase faz parte do presente de uma pioneira da cidade, a dona de casa Brasília Bassit da Costa, que chegou na capital federal em agosto de 1962. Foi um encontro entre duas xarás que se tornaram inseparáveis e que vivem juntas até hoje. “Ter vindo para cá foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido”, afirma Brasília, a pioneira.

Brasília Bassit da Costa veio para a capital federal de Belo Horizonte, acompanhando o marido, Alfredo Lameiro da Costa, funcionário do Banco do Brasil. “Tínhamos acabado de comprar uma casa enorme em Belo Horizonte para poder abrigar com conforto a família de seis filhos, mas o custo para mantê-la era muito grande. Como não queríamos nos desfazer de nenhum dos imóveis que tínhamos em Belo Horizonte, meu marido resolveu vir para cá”, conta dona Brasília.

A pioneira veio com cinco dos seis filhos — o mais velho ficou mais um ano em Minas Gerais para terminar os estudos no colégio militar. A proposta inicial

de Alfredo à esposa era de ficar pela cidade por aproximadamente dois anos, tempo que julgava ser o suficiente para juntar dinheiro e pagar as dívidas deixadas na capital mineira. Os dois anos logo se passaram, assim como passaram três, quatro e quarenta e dois anos. “Quando o tempo se completou meu marido disse que agora poderíamos voltar, ninguém mais queria. Nem eu, nem meus filhos”, diverte-se a pioneira.

A verdade é que a cidade já

havia conquistado toda a família Bassit da Costa. “Aqui eu tinha tudo que não tinha em Minas Gerais. Confesso que sentia um pouco de inveja das mulheres que moravam perto da escola dos filhos lá em Belo Horizonte. Por isso, quando eu cheguei aqui fiquei maravilhada com a escola ser dentro da mesma quadra onde eu morava”, conta a pioneira, que vigiava os filhos da janela da sala de seu apartamento, no bloco I da 308 Sul, endereço onde Brasília mora até

hoje. Mas nem sempre foi assim, pois durante os primeiros 20 dias na cidade, a família Bassit da Costa morou em um acampamento provisório do Banco do Brasil, chamado por seus moradores de Lâmina. “Eram alojamentos de madeira, mas tinham todo o conforto: cinema, roupa lavada, transporte, camas confortáveis e banheiros também. Só não podíamos cozinhar lá porque, como as casas eram de madeira, pegavam fogo facilmente”, lembra a pioneira.

Dona Brasília confessa que sentiu falta dessa “mordomia”, pois durante quase dois anos a família não conseguia arranjar empregada doméstica e era a pioneira quem tinha que dar conta de todos os afazeres domésticos. “As empregadas batiam em nossa porta atrás de serviço, mas não tínhamos como contratá-las porque elas não ofereciam nenhuma referência de emprego anterior”, afirma a pioneira, que até hoje, de vez em quando, se aventura no preparo de delícias árabes.

## A poeira

Mesmo com toda a poeira de uma cidade em obras constantes, dona Brasília não se desanimava por um único segundo. “Quando meu marido voltou para Belo Horizonte da primeira vez que veio conhecer Brasília, perguntei logo se tinha poeira por aqui. Ele disse que não e eu acreditei”, conta a pioneira. Mas de cara, ainda durante a viagem de vinda para cá, ela descobriu que não era bem assim. “Quando eu passei pelo Congresso logo vi um daqueles redemoinhos de poeira vermelha tão característicos de Brasília”, conta a pioneira. Outro problema trazido pela poeira era com as roupas, principalmente as das crianças.



A homenagem do pai ao Brasil fez com que a pioneira ganhasse o nome da capital federal, antes da cidade existir. Em 1962, por decisão do marido, ela veio morar aqui

“AQUI EU TINHA TUDO QUE NÃO TINHA EM MINAS GERAIS. CONFESSO QUE SENTIA UM POUCO DE INVEJA DAS MULHERES QUE MORAVAM PERTO DA ESCOLA DOS FILHOS LÁ EM BELO HORIZONTE. POR ISSO, QUANDO EU CHEGUEI AQUI FIQUEI MARAVILHADA COM A ESCOLA SER DENTRO DA MESMA QUADRA ONDE EU MORAVA”



EM HOMENAGEM À CIDADE QUE A ACOLEU, BRASÍLIA CRIOU UMA NUMEROSA FAMÍLIA NA CAPITAL

## Raio X

**Nome:** Brasília Bassit Lameiro da Costa  
**Idade:** 84 anos  
**Origem:** Belo Horizonte, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1962  
**Profissão:** Dona de casa  
**Estado Civil:** Viúva  
**Marido:** Alfredo Lameiro da Costa (falecido)  
**Filhos:** Eduardo, Roberto, Sérgio, Márcia, Patrícia e Fernando.  
**Netos:** Alessandra, Adriana, Roberta, Cristiana, Renata, Gustavo, Leonardo, Mariana, Bruna, Rafael, Daniela e Davi.  
**Bsinetos:** Bruna e Leonardo.

Eles voltavam da escola e entravam em casa pela porta de serviço, tamanha a sujeira. “Pareciam aqueles trabalhadores da roça, com as roupas encardidas de poeira”, compara a zelosa dona de casa, que fazia com que eles tirassem a roupa ali mesmo e só entrassem em casa depois de um bom banho nas dependências de empregada mesmo. “Era o único jeito de manter a casa limpa”, conta ela. Por falta de um bom alvejante, as roupas tinham que ficar de molho em água quente.

Outro desconforto trazido pelas obras da construção era o barulho. Nada, é claro, que tirasse dona Brasília do sério. “Meu quarto era virado para a guarita da obra da garagem do meu prédio. A sirene para os trabalhadores tocava às seis da manhã. Mas era bom acordar cedo com aquele barulho gostoso de gente esperançosa”, garante a pioneira. Dona Brasília sempre foi uma defensora voraz da cidade que leva seu nome. “Ninguém falava

— e nem fala até hoje — mal de Brasília perto de mim sem ouvir uma bronca. Já briguei com uma vizinha por causa disso. Perguntei logo a ela se lá na cidade de onde ela veio ela tinha todo esse conforto daqui de graça. É claro que não tinha”, afirma.

### Homenagem ao Brasil

Um dos grandes orgulhos de Brasília é seu nome, dado pelo seu pai, um palestino que veio para o Brasil fugido em 1912, em homenagem ao país que o havia acolhido tão bem. Homenagem à revelia da mãe da pioneira, que gostaria que ela se chamasse Vitória, nome pelo qual algumas pessoas da família a chamam. “Várias vezes tentei encontrar Juscelino Kubitschek para dizer a ele que quem inventou Brasília havia sido meu pai, mas sempre o vi de muito longe”, brinca a pioneira. Não era só a pioneira que se orgulhava desse nome. “Meu pai chegou a vir aqui umas duas ou três vezes e saía por aí di-

zendo para todo mundo que tinha uma filha chamada Brasília. Todo orgulhoso de sua homenagem”, lembra, emocionada, a filha, que conta essa história até hoje em supermercados e lojas quando brincam com seu nome.

Chamar-se Brasília rende à pioneira, além de muito orgulho, algumas situações embaraçosas com as quais a dona de casa já está mais do que habituada. É muito comum, por exemplo, as pessoas alertarem a pioneira para um erro, que na verdade não existe. “Uma vez subiu um entregador aqui em casa com a conta do mercado. Ele pediu minha assinatura e quando assinei, ele me disse com toda a paciência que não era para eu escrever a data, mas sim o meu nome”, diverte-se a xará da capital federal, dizendo que isso se repete até hoje. Nessas horas, a pioneira enche o peito de orgulho e diz que seu nome é aquele mesmo: Brasília.